

DIÁLOGOS COM *STAKEHOLDERS* E FORTALECIMENTO DAS REDES DE MULHERES NO AGRONEGÓCIO: O CASO AGROLIGADAS EM MATO GROSSO

DIALOGUES BETWEEN STAKEHOLDERS AND STRENGTHENING WOMEN'S NETWORKS IN AGRIBUSINESS: THE CASE OF AGROLIGADAS IN MATO GROSSO

Rosicley Nicolao de Siqueira
Centro Universitário SENAI Mato Grosso (UniSENAI-MT)

Denise Barros de Azevedo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Anderson Nunes de Carvalho Vieira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

CÓDIGO JEL: Q35- Inovação Social

RESUMO

Este artigo analisa a configuração do diálogo com *stakeholders* para a promoção das redes de mulheres no agronegócio, com foco nas Agroligadas do Mato Grosso. A pesquisa qualitativa utilizou grupo focal com 9 integrantes representativas dos núcleos regionais e questionário semiestruturado, analisados com auxílio do software Atlas TI. Os resultados evidenciam um processo de articulação coletiva que visa fortalecer a atuação feminina nesse setor tradicionalmente masculinizado, contribuindo para a consolidação de parcerias e o fortalecimento das identidades femininas. A análise demonstra que a rede enfrenta desafios como a sustentabilidade organizacional, a inserção de jovens, e resistências culturais, enquanto desenvolve oportunidades através de capacitação, visibilidade e articulação política. Propõe-se um modelo de diálogo com *stakeholders* baseado na construção de vínculos de confiança, identidade feminina e troca de conhecimentos, visando transformar a percepção sobre o papel da mulher no agronegócio mato-grossense.

Palavras-chave: Mulheres; *Stakeholders*; Redes; Agronegócio.

ABSTRACT

This article analyzes the configuration of dialogue between stakeholders for the promotion of women's networks in agribusiness, focusing on Agroligadas do Mato Grosso. The qualitative research used a focus group with nine members representing regional centers and a semi-structured questionnaire, analyzed with the help of Atlas TI software. The results show a process of collective articulation that aims to strengthen women's participation in this traditionally male-dominated sector, contributing to the consolidation of partnerships and the strengthening of female identities. The analysis demonstrates that the network faces challenges such as organizational sustainability, the inclusion of young people, and cultural resistance, while developing opportunities through training, visibility, and political articulation. A model of dialogue between stakeholders is proposed, based on the construction of bonds of trust, female identity, and knowledge exchange, aiming to transform the perception of the role of women in Mato Grosso agribusiness.

Keywords: Women; Stakeholders; Networks; Agribusiness.

Código JEL: Q1

INTRODUÇÃO

O papel da mulher no agronegócio vem passando por transformações significativas nas últimas décadas. Apesar de sua participação histórica na produção agrícola, as mulheres enfrentam barreiras estruturais, culturais e sociais que limitam seu reconhecimento como protagonistas nos processos decisórios deste setor. Dentro deste contexto, redes de apoio e articulação entre mulheres emergem como estratégia para promover maior visibilidade e participação feminina neste ambiente tradicionalmente dominado por homens.

No estado de Mato Grosso, importante polo do agronegócio brasileiro, destaca-se o movimento das Agroligadas, fundado em 2018 nos corredores da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (AMPA). Este movimento surge como resposta à necessidade de preencher lacunas entre as narrativas históricas sobre o agronegócio e as comunicações contemporâneas sobre o setor, buscando valorizar a contribuição feminina.

O estudo das redes de mulheres no agronegócio enfrenta desafios significativos, como a escassez de dados específicos e estudos empíricos bem fundamentados. Segundo Agarwal (2010), esta lacuna pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo o fato de que historicamente as mulheres no agronegócio foram frequentemente negligenciadas como categoria específica de estudo (Boserup, 1970) e que a maior parte da pesquisa agrícola tradicionalmente concentrou-se nos agricultores masculinos, considerados os principais tomadores de decisão (FAO, 2011).

Este artigo busca contribuir para preencher esta lacuna, analisando como se configuram os diálogos com *stakeholders* na promoção das redes de mulheres no agronegócio de Mato Grosso, especificamente no caso das Agroligadas. A compreensão desses processos dialógicos é fundamental para identificar estratégias que possam fortalecer a participação feminina em posições de liderança e gestão no setor, assim como para desenvolver políticas e práticas que promovam maior equidade de gênero.

Neste contexto, o artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: Como é a configuração dos diálogos com *stakeholders* para a promoção da rede de mulheres inseridas no agronegócio de Mato Grosso, as Agroligadas? Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar o perfil demográfico e profissional das mulheres nas redes, com foco nas Agroligadas; caracterizar a trajetória dos diálogos com *stakeholders* nestas redes; identificar os *stakeholders* relevantes envolvidos nas redes de mulheres para a promoção de iniciativas conjuntas; e analisar as relações interorganizacionais nas redes de mulheres e os diálogos com *stakeholders*.

A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para a compreensão dos mecanismos de articulação e fortalecimento das redes de mulheres no agronegócio, um setor de grande importância econômica para o Brasil. Além disso, ao analisar os diálogos com *stakeholders*, o estudo oferece insights sobre como diferentes atores podem colaborar para promover maior equidade de gênero e valorização do papel feminino no desenvolvimento rural.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a análise das redes de mulheres no setor do agronegócio, com ênfase no caso das Agroligadas em Mato Grosso. O referencial teórico foi organizado em quatro principais eixos que se complementam, proporcionando uma visão integrada do fenômeno estudado.

Primeiramente, discute-se a teoria dos *stakeholders* e os processos dialógicos que fundamentam as relações entre diferentes atores organizacionais.

Em seguida, aborda-se o conceito de redes e redes interorganizacionais, essenciais para entender as dinâmicas colaborativas presentes em iniciativas como as Agroligadas.

O terceiro eixo trata da participação feminina no agronegócio, apresentando uma contextualização histórica e os desafios atuais enfrentados por mulheres nesse setor tradicionalmente dominado por homens.

Por último, esses conceitos são integrados ao analisar especificamente as redes de mulheres no agronegócio, investigando como essas estruturas coletivas atuam como mecanismos de fortalecimento, aumento da visibilidade e transformação das relações de gênero no meio rural. Essa abordagem multidimensional possibilita compreender de que forma o diálogo com os *stakeholders* pode ampliar o protagonismo feminino e promover mudanças significativas nas dinâmicas do setor agrícola.

Diálogo entre *Stakeholders*

O termo *stakeholder* surgiu pela primeira vez, em 1963, sendo utilizado para designar os grupos que forneciam o apoio necessário para a sobrevivência das organizações (Freeman, 1984). No entanto, foi o livro de Edward Freeman, *Strategic Management: A Stakeholder Approach* (1984), que evidenciou a importância de reconhecer e gerenciar o relacionamento entre os *stakeholders* como um imperativo estratégico e de governança das empresas. Essa relação permite que ocorram trocas de diversos recursos entre os envolvidos.

Complementando, Freeman (1984) descreve um stakeholder como qualquer grupo ou pessoa que possa influenciar ou ser influenciado pelos objetivos da organização. De acordo com o autor, o cerne da administração dos *stakeholders* deve ser cultivado através de interações, que tanto inspiram os *stakeholders* quanto os inspiram, formando comunidades onde todos se dedicam a oferecer o melhor de si para cumprir o valor prometido pela organização.

Outros autores prosseguiram com pesquisas evidenciando a importância da Teoria dos *Stakeholders*. Entre eles, Freeman e McVea (2001), baseados na Sociologia, no comportamento organizacional e na política de interesses de grupos específicos, sendo uma abordagem que prioriza o gerenciamento de relacionamentos entre os diversos *stakeholders*, os quais compõem o universo empresarial, procuram integrar seus diferentes interesses. Essa abordagem busca integrar os diferentes interesses dos *stakeholders*, reconhecendo a complexidade das interações dentro do contexto organizacional.

Com o propósito de destacar a relevância do tema no cenário global do agronegócio, o diálogo entre *stakeholders* emerge como um elemento central para o desenvolvimento sustentável, a inovação e a resolução de desafios críticos de acordo Silva *et al.* (2004). Saunders (1996) sugere o termo “diálogos sustentáveis” como um processo interativo sistemático, sustentado ao longo do tempo para transformar relacionamentos de mudanças essenciais na sociedade.

Percebe-se que a interação dinâmica entre esses *stakeholders* não apenas influencia decisões estratégicas e operacionais, mas também molda políticas públicas, práticas ambientais e a resiliência econômica do setor agrícola. Conforme observado por Rowley (1997), ocorre uma conexão entre as partes interessadas, uma vez que o comportamento de uma organização e sua resposta às demandas dos *stakeholders* são influenciados pela densidade da rede de *stakeholders* e sua posição dentro dessa rede. Essa dinâmica de interação e influência entre *stakeholders* forma a base para a colaboração estratégica e a formulação de políticas que não apenas respondem às necessidades do mercado, mas também promovem práticas agrícolas sustentáveis.

Redes e Redes Interorganizacionais

As organizações podem ser consideradas como um sistema de cooperação e de esforços coordenados para suas atividades fins (Barnard, 1938). Desde o final da década de 1930, a pesquisa sobre processos de cooperação tem avançado significativamente, abordando especialmente alianças organizacionais (Contractor; Lorange, 1988), redes (Powell, 1990) e aspectos intra e interorganizacionais (Gibbs; Singer, 1993).

No contexto organizacional, Castells (1999) tratou dessa questão ao argumentar que as redes interorganizacionais se manifestam de formas variadas, dependendo dos contextos e das

expressões culturais envolvidas. Ainda, Barbosa, Sacomano e Porto (2007) definiram Rede Interorganizacional como estruturas compostas por empresas integradas por adesão para reduzir suas limitações estruturais e financeiras. Dessa maneira, elas podem se tornar mais competitivas e melhorar as condições de sobrevivência e de desenvolvimento. Para os autores, esse arranjo organizacional surge como forma de reestruturação econômica.

Segundo Hoffmann, Molina-Morales e Martínez-Fernández (2004), as redes de empresas apresentam as seguintes características: papéis organizacionais com certa relatividade entre os atores; intensa interação e interdependência entre as partes; complementaridade e especialização nas atividades desenvolvidas pelas empresas; além de haver competitividade entre diferentes redes..

Ainda Jarillo (1993) argumentou que a coordenação entre empresas passaria a ser alcançada pela formação de uma "rede estratégica" onde as empresas colaboram para atingir objetivos comuns (Fombrun, 1979; Mizruchi, 1994) Os estudos deveriam, portanto, concentrar-se nas relações ou redes interorganizacionais que envolvem conjuntos de laços recorrentes (como recursos, amizade e laços informativos) entre diversos atores (tais como indivíduos, grupos e organizações).

Complementando, Gulati (1995) desenvolveu uma perspectiva de rede social sobre algumas das questões-chave associadas às alianças estratégicas, indo além do nível diádico para a rede mais ampla, na qual as alianças estão inseridas, e constatou que a necessidade de recursos, competências ou conhecimentos que uma empresa não possui, mas que outra pode fornecer, pode levar a alianças para alcançar objetivos estratégicos.

Essas reflexões evidenciam a relevância das parcerias e colaborações entre organizações, destacando a necessidade de compreender e aproveitar as redes interorganizacionais para alcançar resultados desejados. No contexto do agronegócio, a eficácia das redes depende da cooperação entre *stakeholders* e da gestão estratégica das interações, ou seja, uma gestão eficaz das redes e relacionamentos é necessária para a sustentabilidade a longo prazo no agronegócio.

Mulheres no Agronegócio

A participação ativa das mulheres visa expandir o entendimento, a responsabilidade ética e a empatia, refletindo uma abordagem mais completa e holística do desenvolvimento sustentável. Referências a Waddock (2001) e Factor (2003) sustentam essa visão, destacando a importância do engajamento dos *stakeholders* para alcançar um progresso que transcenda aspectos meramente econômicos e inclua dimensões éticas e emocionais.

Essa perspectiva é complementada pela análise de redes, que, conforme descrita por Nohria e Eccles (1992), examina os padrões de relacionamentos e a interação entre os *stakeholders*. Essa abordagem revela como o ambiente de *stakeholders* pode influenciar o comportamento das organizações, conforme destacado por Rowley (1997).

Portanto, ao integrar a visão ampla de desenvolvimento sustentável de Factor e Waddock com a análise de redes de Nohria e Eccles e Rowley, é possível entender melhor como as relações entre *stakeholders* não apenas moldam a dinâmica organizacional, mas também promovem uma abordagem mais inclusiva e holística para enfrentar desafios contemporâneos.

No âmbito do agronegócio, o diálogo nas redes de *stakeholders* é um processo dinâmico e essencial dentro do contexto contemporâneo da agricultura. Ele não apenas facilita a troca de informações e interesses entre diferentes atores envolvidos na cadeia produtiva, mas também promove a construção de entendimento mútuo e colaboração para enfrentar desafios e oportunidades comuns.

Nas últimas décadas, tem-se observado um crescente reconhecimento do papel fundamental das mulheres no setor, não apenas como trabalhadoras essenciais, mas também como líderes e agentes de mudança. Em muitas regiões ao redor do mundo, as mulheres têm

assumido papéis de destaque na gestão de propriedades rurais, na produção de alimentos e no desenvolvimento de comunidades agrícolas resilientes.

Pesquisas em países em desenvolvimento, de acordo com a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO), considera que as mulheres são a espinha dorsal da economia rural no mundo em desenvolvimento, devido ao papel fundamental que desempenham na contribuição para a segurança alimentar. Particularmente, são responsáveis por cerca de 60% a 80% da produção de alimentos nos países em desenvolvimento e são os principais guardiões do conhecimento sobre variedades de culturas (Prakash, 2003).

No Brasil, conforme o CEPEA (2018), ao realizar um estudo sobre Mulheres no Agronegócio, as diversas transformações estruturais de natureza cultural e social ocorridas ao longo das últimas décadas na sociedade brasileira promoveram o aumento, apesar de lento, da participação da mulher no mercado de trabalho. Nos países em desenvolvimento, as taxas de crescimento econômico e as condições de acesso ao trabalho feminino possuem diferenças, assim como um atraso significativo em comparação aos países desenvolvidos (Rodrigues; Lopes; Santos, 2022).

No entanto, apesar da baixa participação atual, as mulheres estão gradualmente aumentando sua presença no empreendedorismo agrícola, criando negócios e contribuindo para a diversificação e inovação no setor. Empreendedoras agrícolas participam ativamente de redes de conhecimento para expandir suas atividades e melhorar o desempenho de seus negócios. Essas redes são essenciais para promover a inovação social, impulsionando o crescimento empresarial sustentável e a adaptação às mudanças no mercado.

O caso: Agroligadas

O movimento Agroligadas surge como um desdobramento da ideologia feminista, desde 2018, destacando mulheres engajadas na defesa do agronegócio (Agroligadas, 2024). Atualmente, o movimento das Agroligadas é constituído por aproximadamente três mil mulheres, organizadas em 17 núcleos distribuídos por 24 estados brasileiros e 100 cidades (Agroligadas, 2024).

Este conjunto de mulheres inclui esposas de agricultores, empreendedoras rurais, filhas, herdeiras e líderes de associações, mulheres que se identificam como profissionais do agronegócio e se uniram para se posicionar como ponto de referência na comunicação sobre o setor, descrevendo-se como uma "ponte para conectar o rural e o urbano".

Desde que iniciaram a missão – conectar o campo e a cidade –, atuando da “porteira para fora”, promovem encontros, conhecendo pessoas, muitos lugares e conectando muitas histórias. Além disso, divulgam o desejo de ajudar o agro a ser cada vez maior e melhor. As ações internas e externas promovidas se conectam entre elas, capacitando as mulheres frente a uma melhora na comunicação, transformando a opinião da cidade em relação ao que se conhecia sobre o agronegócio.

Ao conectar o campo e a cidade, as Agroligadas não apenas compartilham conhecimentos e experiências, mas também inspiram outras mulheres a se engajarem ativamente na transformação do setor agrícola. Seu compromisso em fortalecer o agronegócio, em todos os seus aspectos, reflete um movimento dinâmico e resiliente que continua a crescer em influência e impacto.

Além disso, à medida que avançam para o futuro, as Agroligadas promovem a equidade de gênero, impulsiona o desenvolvimento econômico sustentável e fortalece a posição do Brasil como líder global no agronegócio. Assim, as Agroligadas não são apenas um movimento, mas uma força transformadora que molda o presente e o futuro do agronegócio brasileiro, destacando o poder e o potencial das mulheres em todas as esferas da economia rural.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, uma vez que busca analisar como se configuram os diálogos com *stakeholders* na promoção das redes de mulheres no agronegócio de Mato Grosso, especificamente no caso das Agroligadas.

Para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem metodológica baseada em grupo focal e aplicação de questionário semiestruturado, com análise dos dados apoiada pelo software Atlas TI.

Participantes da Pesquisa

A amostra foi composta por 9 mulheres integrantes das Agroligadas, representativas dos núcleos do estado de Mato Grosso. As participantes foram selecionadas de forma a representar diferentes regiões do estado e diversos segmentos da cadeia produtiva do agronegócio, incluindo atividades "antes da porteira" (gestão e planejamento), "dentro da porteira" (produção direta), e "depois da porteira" (comercialização, comunicação e gestão estratégica).

Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu em duas etapas complementares. Primeiramente, foi aplicado um questionário semiestruturado online com perguntas sobre o perfil demográfico e profissional das participantes, bem como questões relacionadas à sua atuação no agronegócio e nas Agroligadas. O questionário foi desenvolvido com base na literatura sobre redes interorganizacionais e mulheres no agronegócio, e validado por especialistas antes de sua aplicação.

Na segunda etapa, foi realizado um grupo focal com as participantes, com duração aproximada de duas horas. O grupo focal foi conduzido por meio de plataforma virtual, devido às distâncias geográficas entre as participantes, que residem em diferentes regiões do estado de Mato Grosso. A condução do grupo focal seguiu um roteiro semiestruturado, abordando temas como: (1) trajetória das participantes no agronegócio; (2) percepção sobre o papel da mulher no setor; (3) desafios e oportunidades enfrentados; (4) relações com *stakeholders*; (5) estratégias de articulação e cooperação; e (6) perspectivas futuras para as redes de mulheres no agronegócio.

Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, com o apoio do software Atlas TI, versão 9.0. O processo de análise seguiu as etapas propostas por Bardin (2010): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A utilização do software Atlas TI facilitou o processo de codificação e categorização, permitindo a identificação de relações entre os diferentes códigos e categorias, bem como a elaboração de representações visuais destas relações.

A avaliação dos dados levou em conta tanto o conteúdo explícito quanto o implícito, visando entender não só o que foi declarado diretamente pelas participantes, mas também os sentidos subentendidos em suas palavras. Além disso, a análise considerou o contexto em que as falas ocorreram, levando em consideração as interações entre as integrantes do grupo focal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil Demográfico e Profissional das Agroligadas

A análise do perfil demográfico e profissional das participantes da pesquisa revela um grupo heterogêneo de mulheres com forte inserção no agronegócio mato-grossense. A maioria das respondentes (55,6%) encontra-se na faixa etária de 45 a 54 anos, seguida por 33,3% na faixa de 35 a 44 anos, e 11,1% na faixa de 25 a 34 anos. Este perfil etário sugere que as

Agroligadas são compostas principalmente por mulheres com trajetória consolidada e experiência significativa no setor.

Quanto à escolaridade, destaca-se o elevado nível de formação acadêmica, com 77,8% das participantes possuindo pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado), 11,1% com ensino superior completo e 11,1% com ensino médio incompleto. Estes dados contrastam com o perfil educacional tradicionalmente associado às mulheres rurais no Brasil e sugerem que as integrantes das Agroligadas representam um grupo com acesso privilegiado à educação formal.

Em relação ao estado civil, 66,7% das participantes são casadas, 22,2% solteiras e 11,1% divorciadas. A grande maioria (87,5%) possui entre 1 e 2 filhos, enquanto 12,5% não têm filhos. Estes dados refletem o desafio de conciliação entre vida familiar e profissional enfrentado por muitas mulheres no agronegócio.

No que diz respeito à atuação profissional, 55,6% das participantes identificam-se como produtoras rurais, 22,2% como funcionárias de empresas ligadas ao setor, 11,1% como empresárias ou empreendedoras e 11,1% em outras atividades relacionadas ao agronegócio. Quanto ao tempo de atuação no setor, 66,7% atuam há mais de 6 anos, 22,2% entre 4 e 5 anos, e 11,1% entre 1 e 3 anos.

A principal área de atuação é a agricultura, mencionada por 77,8% das participantes, seguida pelo comércio e serviços relacionados, com 22,2%. Em relação às áreas da cadeia produtiva, 44,4% atuam principalmente "dentro da porteira" (produção direta), 11,1% "depois da porteira" (transformação, comercialização e industrialização), enquanto 44,4% consideram que atuam igualmente em todas as áreas.

Quanto à participação na rede Agroligadas, 44,4% das respondentes estão desde o início do movimento, 44,4% participam há 3-4 anos e 11,1% há 1-2 anos. Estes dados sugerem um núcleo relativamente estável de participantes, com algumas integrações mais recentes.

O tempo de atuação das mulheres no agronegócio (66,7% com mais de 6 anos de atuação) demonstra que elas já passaram por diferentes fases dentro desse setor, com uma capacidade de adaptação e resistência considerável. Tais dados reforçam o conceito de que melhorar a igualdade de gênero no empreendedorismo no agronegócio é um instrumento fundamental para combater a pobreza e a fome (Zavala, 2019).

Trajetória das Agroligadas

A análise do grupo focal permitiu identificar elementos significativos da trajetória das Agroligadas como rede de mulheres no agronegócio mato-grossense. Os depoimentos das participantes revelam um processo de construção coletiva que busca conciliar identidades individuais e objetivos compartilhados.

As participantes relataram trajetórias diversas que se entrelaçam com o movimento. Algumas mencionaram ter sido convidadas para participar de eventos onde puderam compartilhar suas histórias de empreendedorismo e falar sobre o movimento Agroligadas, expressando satisfação pelo reconhecimento de suas contribuições e pela oportunidade de influenciar outras mulheres através de suas experiências no agronegócio.

Muitas participantes têm conexões com o campo desde a infância, sendo filhas de produtores rurais, e descreveram trajetórias que incluem mudanças para áreas urbanas em busca de educação, mas mantendo vínculos com o setor agrícola. Para elas, fazer parte das Agroligadas representa uma forma de honrar suas origens e manter conexão com o meio rural.

Este reconhecimento alinha-se ao que Shortall (2017) identifica como fundamental para superar o histórico de invisibilidade do trabalho feminino na agricultura, onde as contribuições das mulheres foram frequentemente categorizadas como "ajuda familiar" em vez de trabalho produtivo.

As participantes também destacaram a evolução do papel da mulher no agronegócio ao longo das gerações. Descreveram como suas mães, apesar de fundamentais para a manutenção das propriedades rurais, tinham sua atuação limitada às tarefas domésticas e cuidados familiares, enquanto atualmente as mulheres têm conquistado espaços mais diversificados e estratégicos no setor.

Esta observação respalda as alegações de Abu, Domanban e Sekyi (2016) de que, no setor agrícola, a participação das mulheres tem se tornado mais significativa nos últimos anos do que no passado. Segundo os autores, uma das principais atividades econômicas em que as mulheres estão envolvidas é a agricultura, sobretudo nas economias em desenvolvimento, onde essa atividade é predominante.

A trajetória das Agroligadas também é marcada pela busca de reconhecimento e legitimidade em um setor tradicionalmente dominado por homens. Uma das estratégias utilizadas pelo grupo é o desenvolvimento de uma identidade feminina que não busca confrontar, mas complementar a atuação masculina, enfatizando características consideradas femininas como diferenciais positivos para o setor.

Esta abordagem reflete o que Sachs (2018) identifica como uma transformação qualitativa nas próprias concepções de ruralidade e produção agrícola, incorporando perspectivas e prioridades historicamente marginalizadas.

Interações e Diálogos com *Stakeholders*

A análise das interações e diálogos com *stakeholders* revelou a complexidade das relações estabelecidas pelas Agroligadas e sua importância para a consolidação e expansão do movimento. As participantes identificaram diversos *stakeholders*-chave, incluindo instituições de ensino, sindicatos rurais, cooperativas, empresas do agronegócio, instituições financeiras e órgãos governamentais.

As participantes relataram uma evolução positiva na relação com instituições de ensino e entidades setoriais. Mencionaram que atualmente há maior abertura para a participação feminina em organizações tradicionais do agronegócio, como a ProSoja, onde mulheres agora ocupam posições como delegadas, algo que não era comum anteriormente. Segundo elas, há um reconhecimento crescente por parte dessas entidades sobre o valor da contribuição feminina, suas conexões e a representatividade que trazem ao setor.

Os sindicatos rurais e associações foram mencionados como parceiros importantes. As participantes expressaram um forte compromisso com o setor agrícola, destacando que as mulheres que permanecem no movimento são aquelas verdadeiramente comprometidas com seus valores e princípios, não apenas buscando autopromoção. Relataram que há muito trabalho envolvido nas atividades do grupo, e apenas quem realmente acredita na causa permanece engajado.

Essa colaboração recíproca em projetos evidencia o que Kim e Sherraden (2014) observaram sobre o impacto distinto das redes sociais no desempenho de mulheres empreendedoras. De acordo com eles, para essas mulheres, a qualidade e a profundidade das relações de apoio técnico exercem uma influência emocional mais significativa no êxito dos negócios do que simplesmente o tamanho da rede de contatos.

Quanto à relação com órgãos governamentais e a participação em políticas públicas, as participantes indicaram que esta é uma área ainda em desenvolvimento. Algumas mencionaram terem recebido convites para participar de comitês relacionados a questões femininas, mas identificaram que ainda há um caminho a percorrer para avançar efetivamente na influência sobre políticas públicas.

Há indicações de que o movimento está em transição para uma estrutura que poderia facilitar maior participação em políticas públicas. As participantes mencionaram que o movimento depende atualmente de patrocínios para seus projetos e está considerando

transformar-se em uma organização estruturada que possa receber fomento governamental, reconhecendo o papel relevante que desempenham no setor.

Esta representatividade institucional feminina, conforme observado por Silva e Redin (2020), não apenas quebra barreiras individuais, mas transforma estruturalmente os espaços de tomada de decisão, criando novos canais de comunicação e influência que beneficiam coletivamente as mulheres no agronegócio.

Desafios e Oportunidades

A análise dos dados permitiu identificar diversos desafios e oportunidades enfrentados pelas Agroligadas em sua atuação como rede de mulheres no agronegócio.

Entre os principais desafios, destaca-se a persistência de estereótipos de gênero e resistências culturais à participação feminina em posições de liderança no setor. Várias participantes relataram experiências pessoais de dificuldade de aceitação dentro de propriedades rurais, especialmente em contextos familiares tradicionais. Mencionaram situações em que suas opiniões foram desvalorizadas ou ignoradas por serem mulheres, e como precisaram provar sua competência de forma mais contundente que seus colegas homens.

Tal resistência está em conformidade com o que citam Carreira, Ajamil e Moreira (2001), os quais afirmam que uma das principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres na liderança é o ambiente patriarcal, que privilegia os homens em relação às mulheres e, a partir disso, gera desigualdades sociais, culturais e econômicas entre os sexos.

Um dos desafios mais significativos mencionados é garantir a sustentabilidade financeira e organizacional do movimento ao longo do tempo. As participantes explicaram que, atualmente, o movimento depende fortemente de trabalho voluntário e doações de tempo e recursos das integrantes, mas que há custos operacionais para manter a rede ativa, incluindo comunicação, apoio jurídico e contábil, entre outros.

Este desafio de sustentabilidade organizacional é amplamente documentado por Langevang, Hansen e Rutashobya (2018), que identificaram como empreendedoras femininas enfrentaram frequentemente dificuldades para acessar recursos financeiros e institucionais necessários para apoiar iniciativas coletivas no longo prazo.

Outro desafio mencionado é manter o engajamento das mulheres no movimento, especialmente quando começam a ter sucesso em suas carreiras individuais. As participantes observaram que muitas mulheres, à medida que se tornam mais envolvidas nos negócios familiares, acabam se afastando de movimentos coletivos como as Agroligadas. Enfatizaram a importância de conscientizar essas mulheres sobre como os espaços que ocupam hoje foram conquistados coletivamente e que a união continua sendo fundamental para manter e ampliar essas conquistas.

Mashpure *et al.* (2022) identificam esse como um dos maiores obstáculos à sustentabilidade do empreendedorismo feminino no campo: à medida que algumas mulheres alcançam sucesso individual e ganham destaque na área, passam a enfrentar pressões maiores sobre seu tempo e recursos, além de surgirem novas oportunidades que podem afastá-las das iniciativas coletivas que inicialmente apoiaram seu crescimento.

Um desafio adicional mencionado pelas participantes foi a necessidade de preparação para oportunidades futuras, especialmente no âmbito das políticas públicas. Elas destacaram a importância de capacitar as mulheres do movimento para que, quando surgir a oportunidade de participar em instâncias decisórias, estejam preparadas para representar adequadamente os interesses do grupo e do setor.

Brumer (2004), ao abordar a condição da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul, já destacava que a baixa presença feminina em posições de decisão não era causada apenas por obstáculos estruturais, mas também por deficiências na formação técnica e política. Dessa forma, torna-se essencial realizar investimentos contínuos em educação e capacitação, com o

objetivo de preparar as mulheres não somente para oportunidades pontuais, mas também para promover mudanças profundas nos espaços de poder do agronegócio.

Em relação às oportunidades, as participantes identificaram o crescente reconhecimento da contribuição feminina no agronegócio como um fator positivo. Relataram que têm percebido maior abertura em eventos e instituições do setor para a participação de mulheres, bem como um interesse crescente da mídia em divulgar histórias de sucesso feminino no agronegócio.

Outra oportunidade mencionada foi a possibilidade de formação de novas lideranças femininas através do movimento. As participantes destacaram que as Agroligadas funcionam como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, onde mulheres mais jovens ou com menos experiência podem adquirir conhecimentos, habilidades e confiança para assumir papéis de liderança no setor.

Por fim, a ampliação das parcerias com diferentes *stakeholders* foi mencionada como uma oportunidade estratégica. As participantes vislumbram a possibilidade de estreitar relações com instituições de ensino para promover capacitação, com empresas do agronegócio para obter apoio a projetos, e com órgãos governamentais para influenciar políticas públicas voltadas às mulheres rurais.

Importante que assim como Probst (2003), que argumenta que as mulheres que mais se destacam são justamente aquelas que não fazem da condição feminina a sua base, mas subiram por seus méritos e esforços, as Agroligadas possuem uma visão definida de como desejam crescer e se fortalecer no futuro, assegurando a continuidade e expansão de sua influência no setor do agronegócio brasileiro. Segundo o autor, o mundo está valorizando cada vez mais os atributos femininos, pois essas mulheres demonstram grande habilidade e preferem o trabalho em equipe em vez do individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo e a colaboração ao invés da competição (Probst, 2003).

Modelo Conceitual: Configuração do Diálogo com *Stakeholders*

A partir da análise dos dados coletados, foi possível elaborar um modelo conceitual que representa a configuração do diálogo com *stakeholders* na promoção das redes de mulheres no agronegócio, com foco nas Agroligadas de Mato Grosso, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 - Configuração dos diálogos com *Stakeholders* nas Agroligadas - MT



Fonte: Elaborada pelas autoras (2025)

O modelo conceitual representado na Figura 1 apresenta, de forma reflexiva, a configuração do diálogo com *stakeholders* nas Agroligadas, demonstrando associações integradas que refletem sua trajetória, as relações construídas e as projeções futuras. No centro do modelo encontra-se o "diálogo configurado", representando o núcleo de compartilhamento de informações e engajamento que sustenta toda a rede. Esta estruturação fundamenta-se no conceito de Freeman e McVea (2001), que definem *stakeholders* como qualquer grupo capaz de afetar ou ser afetado pelos objetivos de uma organização.

Embora Balestrin (2005) e Balestrin e Verschoore (2016) não analisem diretamente a identidade feminina, as pesquisas que reforçam sobre confiança, coesão e capital social nas redes são importantes na associação de como essas estruturas contribuem para o fortalecimento da identidade coletiva das mulheres nas Agroligadas.

Em consonância, as mulheres ressaltaram que, nesta trajetória, priorizam pelo compartilhamento de experiências, como uma maneira de aprenderem em grupo, buscando apoio para que o engajamento seja consolidado, fortalecendo a rede.

Esse movimento reflete a lógica da colaboração sintetizada em redes, como explicam Alter e Hage (1993), na qual o intercâmbio entre os atores é essencial para fortalecer vínculos e articular ações coletivas. De forma complementar, Jarillo (1993) destaca que redes estratégicas se constroem justamente na convergência de objetivos e no apoio mútuo entre os participantes, elementos presentes nas práticas relatadas pelas Agroligadas.

Em seguida, conforme a figura, o fortalecimento das relações entre mulheres, redes de apoio, representatividade e satisfação, e reconhecimento nas relações, reflete a estrutura das redes colaborativas descritas por Grabher (1993), nas quais a interdependência e a confiança entre os atores geram relações consolidadas. Reforçando, conforme Alter e Hage (1993) destacam, as redes se sustentam por trocas colaborativas e reconhecimento entre os participantes, elementos fundamentais para o fortalecimento da identidade coletiva e da sensação de pertencimento no interior da rede.

Em relação à configuração proposta, os elos a serem considerados são os *stakeholders*-chave que desempenham papel fundamental no reconhecimento da rede. A presença de escolas públicas, sindicatos e apoios comunitários, conforme mencionado nas falas das Agroligadas, revela que tais atores contribuem como mediadores sociais que legitimam a atuação das mulheres em espaços tradicionalmente masculinizados.

Essa interação direta com instituições públicas e comunitárias reflete o que Grandori e Soda (1995) descrevem como um arranjo de governança relacional, no qual as redes se sustentam por conexões externas que promovem coordenação e objetivos compartilhados.

Complementando essa perspectiva, Gulati e Singh (1998) aponta que o fortalecimento das redes está diretamente associado aos vínculos interorganizacionais estabelecidos, pois laços institucionais bem estruturados ampliam o acesso a recursos e favorecem a construção de confiança mútua.

Autores mais recentes, como Kuran e Khabbaz (2024), reforçam essa citação ao apresentarem que o envolvimento de *stakeholders* institucionais é decisivo para o empoderamento de mulheres em redes rurais, especialmente ao viabilizar apoio comunitário e capacitação estratégica para superação de barreiras socioculturais.

De forma semelhante, Mahajani (2016) descreve como alianças entre ONGs, comunidades e governos locais possibilitam a sustentabilidade de redes femininas ao oferecerem caminhos concretos para a inclusão produtiva e o reconhecimento institucional. Sob esse enfoque, as parcerias descritas pelas Agroligadas como colaboração institucional, networking ativado pelo movimento e aproximação com órgãos públicos, além de fortalecerem a rede, também ampliam as oportunidades de transformação social e política, impulsionando a reformulação dos espaços ocupados por mulheres no contexto do agronegócio.

De maneira complementar, Nohria e Eccles (1992) afirmam que alianças eficazes enraizadas em relações sociais construídas ao longo do tempo, nas quais os vínculos de confiança atuam como mecanismos de coordenação, são mais eficientes do que modelos hierárquicos tradicionais.

Dessa forma, a atuação das Agroligadas revela a formação de uma rede que se orienta pela convergência de propósitos e pela solidariedade entre seus membros, constituindo-se em um arranjo colaborativo capaz de reconfigurar a inserção das mulheres no setor agroprodutivo. Essas relações horizontais fortalecem a identidade do grupo e proporcionam estratégias para a articulação com diferentes *stakeholders*, promovendo formas colaborativas de atuação no agronegócio. Wei *et al.* (2021) corroboram essa perspectiva ao demonstrar que o empoderamento feminino, aliado à educação e à atuação comunitária, tem potencial direto na redução da pobreza e na ampliação do rendimento per capita, reforçando o papel transformador dessas redes.

As Agroligadas, enquanto uma rede de mulheres inserida no campo do agronegócio, organizam-se conforme os pressupostos das teorias de redes interorganizacionais, pois conforme os autores Balestrin e Verschoore, (2016), com as informações, as redes organizacionais promovem o compartilhamento de conhecimentos e recursos primordiais para a competitividade e para a inovação. Associando ao estudo de caso, estas, na medida em que estabelecem conexões horizontais e verticais com diferentes *stakeholders*, instituições de ensino, sindicatos, comunidades e organismos públicos, conseqüentemente identificam necessidades e conquistam espaços nesse setor.

O bloco desafios para a rede de mulheres apresenta as fragilidades enfrentadas, conforme citado no grupo focal, que envolvem a aceitação familiar no agronegócio, inserção de mulheres jovens, conflitos sociais e autoconfiança.

Conforme apontam Petrzelka, Sorensen e Filipiak (2018), a invisibilidade das mulheres proprietárias no meio rural, muitas vezes invisibilizadas por políticas públicas, reflete e reforça uma cultura patriarcal que limita seu valor social e econômico. Essa invisibilidade institucional

demonstra diretamente os desafios reais enfrentados pelas Agroligadas, como a inserção minuciosa da mulher e aceitação familiar, o conhecimento para ser compartilhado nas decisões estratégicas e, assim, conseqüentemente, a conquista da autoconfiança.

Tais barreiras são similares às apontadas por Rasheed *et al.* (2020), que destacam que a baixa participação das mulheres no setor agrícola no Paquistão compromete o desempenho do próprio setor, ao passo que seu engajamento pleno ainda encontra resistência cultural, sendo esse um exemplo associado a outros citados no decorrer dessa tese. Esses elementos demonstram que, apesar dos avanços, ainda há limitações estruturais e culturais que restringem a atuação plena das mulheres no setor rural.

Diante disso, os desafios apresentados, exemplo dos conflitos intergeracionais, da fragilidade do reconhecimento familiar e da assimetria no acesso ao crédito, são compreendidos como tensões que atravessam e reconfiguram o sistema relacional da rede.

Paradoxalmente, tais adversidades também operam como estímulos à construção de estratégias resilientes e à emergência de práticas inovadoras no interior do grupo, revelando sua capacidade adaptativa e transformadora frente aos entraves estruturais e simbólicos que permeiam o campo.

Concomitantemente, representado na configuração do diálogo contemplam-se as oportunidades para a rede de mulheres, onde são descritas perspectivas a longo prazo, como o desenvolvimento de *soft skills* e o planejamento de ações futuras. Esse movimento converge com os apontamentos de Cabiddu, Lui e Piccoli (2013), os quais reforçam que, em redes colaborativas, o valor é cocriado por meio da articulação de competências diversas e da coordenação estratégica entre os atores envolvidos.

Essas oportunidades se associam diretamente ao investimento em capacitação, liderança e organização estratégica, o que já vem sendo mobilizado pelas Agroligadas. Estas, conforme a pesquisa, estão se mobilizando em busca de oportunidades formativas específicas, com destaque para cursos voltados à gestão de propriedades rurais, negociação, liderança feminina e planejamento estratégico.

Conforme Vargo, Akaka e Maglio (2008), em uma perspectiva de lógica dominada por serviços, as redes colaborativas se estruturam por meio da cocriação de valor, onde competências como liderança, coordenação e visibilidade são recursos integrados pelos atores envolvidos, por exemplo, a rede das Agroligadas.

Essa lógica fundamenta o investimento das Agroligadas em capacitação, organização estratégica e participação em eventos, pois tais ações fortalecem sua presença junto aos *stakeholders* e contribuem para a construção de valor coletivo e inserção empresarial sustentável. Além disso, organizam-se em eventos como forma de terem visibilidade e estarem próximas dos *stakeholders* que podem contribuir com a rede de mulheres.

Conforme argumenta Wei *et al.* (2021), empoderar as mulheres e melhorar o seu estatuto pode desempenhar um papel significativo na concretização de muitos programas de desenvolvimento e ajudar a trazer uma transformação social positiva. Quando é citado nas falas a questão do empoderamento feminino, este está associado a conhecimento para atuar “lado a lado” com o marido.

Além disso, no que se refere às oportunidades, elas citaram as políticas públicas, que poderão contemplar projetos voltados à equidade de gênero no agronegócio, como a criação e divulgação de linhas de crédito específicas para mulheres, o que promove maior equidade no acesso a recursos produtivos no agronegócio, especialmente diante das barreiras históricas enfrentadas por mulheres no meio rural, como a ausência de titularidade da terra ou garantias formais.

Essa busca por amplos direitos para as mulheres requer políticas públicas e outras iniciativas que garantam autonomia pessoal e financeira, acesso à educação, à saúde e aos meios de produção, entre outras demandas. Nesse sentido, autores como Brandão, Santos e Rist (2020)

destacam que a participação efetiva das mulheres na vida socioeconômica depende diretamente de políticas públicas que fortaleçam sua atuação.

Tais iniciativas configuram-se como propostas de enfrentamento dos desafios anteriormente identificados, especialmente no que tange à inserção qualificada das mulheres no agronegócio. O diálogo, nesse contexto, configura-se como instrumento de coesão social, equidade, governança participativa, favorecendo a emergência de uma atuação coletiva mais inclusiva e estratégica.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a configuração do diálogo com *stakeholders* para a promoção das redes de mulheres no agronegócio, com foco específico no caso das Agroligadas em Mato Grosso. A partir da análise realizada, foi possível identificar elementos significativos que caracterizam estes diálogos e seu potencial para fortalecer a participação feminina em um setor tradicionalmente marcado por desigualdades de gênero.

Os resultados evidenciam que a configuração do diálogo com *stakeholders* nas Agroligadas é caracterizada por três dimensões principais: a construção de vínculos de confiança, o fortalecimento da identidade feminina no agronegócio e a troca de conhecimentos e experiências. Estas dimensões interagem de forma dinâmica e não-linear, criando um ecossistema relacional que sustenta as ações do movimento e sua capacidade de influência no setor.

A pesquisa identificou que o diálogo efetivo entre *stakeholders* contribui significativamente para superar barreiras estruturais e culturais que limitam a participação feminina no agronegócio. Quando mulheres rurais, empresas do setor, instituições de ensino, organizações governamentais e não-governamentais estabelecem canais de comunicação e colaboração, criam-se condições favoráveis para o reconhecimento e valorização da contribuição feminina para o desenvolvimento rural.

No entanto, os resultados também apontam para desafios significativos que ainda precisam ser superados. A persistência de estereótipos de gênero, as assimetrias de poder nas relações entre *stakeholders*, a fragmentação de iniciativas e a escassez de recursos são fatores que limitam a efetividade dos diálogos e, conseqüentemente, o potencial transformador das redes de mulheres no agronegócio.

O modelo conceitual proposto neste estudo oferece uma representação visual da configuração dos diálogos com *stakeholders* nas Agroligadas, destacando a interconexão entre trajetória histórica, eixos de sustentação e desafios/oportunidades. Este modelo pode servir como referência para a análise de outras iniciativas semelhantes e para o desenvolvimento de estratégias que fortaleçam os diálogos entre diferentes atores no contexto do agronegócio.

Em termos práticos, os resultados desta pesquisa podem orientar o desenvolvimento de políticas públicas e programas organizacionais voltados à promoção da equidade de gênero no agronegócio. As estratégias identificadas – como capacitação contínua, promoção de visibilidade, articulação política, intercâmbio geracional e construção de parcerias – constituem um repertório valioso para organizações e movimentos que buscam fortalecer a participação feminina no setor.

REFERÊNCIAS

ABU, B. M.; DOMANBAN, P. B.; SEKYI, S. Credit market participation by women-owned small scale enterprises in Wa and Jirapa districts of the Upper West region of Ghana”. **Ghanaian Journal of Economics**, vol. 4 n. 2016, p. 71-97. 2016.

AGARWAL, B. **Gender and Green Governance: The Political Economy of Women's Presence Within and Beyond Community Forestry.** Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2010.

AGROLIGADAS. **Núcleos e ações.** [c2024]. Disponível em: <https://agroligadas.com.br/nucleos-e-acoes/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

AGROLIGADAS. **Onde estamos.** [c2024]. Disponível em: <https://agroligadas.com.br/quem-somos/#onde-estamos>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ALTER, C.; HAGE, J. **Organizations working together.** Newbury Park, CA: Sage, 1993.

BALESTRIN, A. **A dinâmica da complementaridade de conhecimentos no contexto das redes interorganizacionais.** 2005. 213 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. **Redes de Cooperação Empresarial: Estratégias de Gestão na Nova Economia.** Porto Alegre: Bookman Editora, 2016.

BARBOSA, F. A.; SACOMANO, J. B.; PORTO, A. J. V. Metodologia de análise para Redes Interorganizacionais: Competitividade e Tecnologia. **Gestão Produção São Carlos**, v. 14, n. 2, p. 411-423, maio/ago. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARNARD, C. I. **The Functions of the Executive.** Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1938.

BOSERUP, E. **O papel da mulher no desenvolvimento econômico.** Londres: Earthscan, 1970.

BRANDÃO, E. A. F.; SANTOS, T. R.; RIST, S. Conectando Políticas Públicas para Agricultores Familiares e Empoderamento Feminino: O Caso do Semiárido Brasileiro. **Sustentabilidade**, v. 12, p. 5961, 2020.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227, abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vz3j55w5HN95Kj5QQkqFCR/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2020.

CABIDDU, F., LUI, T.; PICCOLI, G. Managing value co-creation in the tourism Industry. **Annals of Tourism Research**, v. 42, p. 86-107, 2013.

CARREIRA, D.; AJAMIL, M.; MOREIRA, T. (org.). **Liderança Feminina no século 21.** São Paulo: Cortez; Rede Mulher de Educação, 2001.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA).

Mulheres no agronegócio. 2018. Disponível em:

[http://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_VOLUME3\(4\).pdf](http://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_VOLUME3(4).pdf). Acesso em: 24 nov. 2023.

CONTRACTOR, F. J.; LORANGE, P. Why should firms cooperate? The strategy and economics basis for cooperative ventures. *In*: CONTRACTOR, F.; LORANGE, P. (Eds.). **Cooperative Strategies in International Business**. Massachusetts: Lexington Books, 1988. p. 3-30.

FACTOR, A. Stakeholders influences in developing a sustainability culture withing the UK biotechnology sector. *In*: ANDRIOF, J. *et al.* (Orgs.). **Unfolding stakeholder thinking 2: relationships, communication, reporting and performance**. Sheffield: Greenleaf Publishing, 2003. p. 70-82.

FAO. **The State of Food and Agriculture 2010-2011: Women in Agriculture – Closing the gender gap for development**. Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2011.

FOMBRUN, C. J. Strategies for network research in organizations. **Academy of Management Review**, v. 7, p. 280-291, 1997.

FREEMAN, R. E. **Strategic management: a stakeholder approach**. Boston: Pitman/Ballinger, 1984.

FREEMAN, R.E.; MCVEA, J. **A stakeholder approach to strategic management**. Social Science Research Network Paper Collection. Virgínia: University of Virgínia, 2001. (Working Paper n.01-02).

GIBBS, B. H.; SINGER, J. D. **Empirical knowledge on world politics: A summary of quantitative research, 1970-1991**. Westport: Greenwood Pub Group, 1993.

GRABHER, G. (ed.). **The embedded firm**. London: Routledge, 1993.

GRANDORI, A.; SODA, G. Inter-firm networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, v. 16, n. 2, 1995.

GULATI, R. Estrutura Social e Padrões de Formação de Alianças: Uma Análise Longitudinal. **Ciência Administrativa Trimestral**, v. 40, p. 619-52, 1995.

GULATI, R.; SINGH, H. A arquitetura da cooperação: gestão de custos de coordenação e preocupações de apropriação em alianças estratégicas. **Administrative Science Quarterly**, v. 43, p. 781-814, 1998.

HOFFMANN, V. E.; MOLINA-MORALES, F. X.; MARTÍNEZ-FERNANDEZ, M. T. Redes de empresas: uma proposta de tipologia para sua classificação. *In*: Encontro Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração. 28, **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2004.

JARILLO, J. C. **Strategic networks: Creating the borderless organization**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1993.

- KIM, S.; SHERRADEN, M. O impacto do gênero e das redes sociais em Desempenho Empresarial de Microempresas. **Journal of Sociology and Social Welfare**, v. 29, n. 4, p. 404-417, 2014.
- KURAN, O.; KHABBAZ, L. Stakeholder dynamics in rural Lebanese women's entrepreneurship. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, v. 18, n. 5, p. 1098–1125, jul. 2024.
- LANGEVANG, T.; HANSEN, M.W; RUTASHOBYA, L. Navigating institutional complexities: the response strategies of Tanzanian female entrepreneurs. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 10, n. 4, p. 224-242, 2018.
- MAHAJANI, A. Stakeholder engagement for a sustainable initiative: a case of a project by ACF focusing on women veterinary care providers in Darlaghat, Himachal Pradesh, India. **OIDA International Journal of Sustainable Development**, v. 9, n. 2, p. 103–114, 2016.
- MASHAPURE, R. *et al.* Desafios que atrapalham a sustentabilidade do empreendedorismo feminino nos meios de subsistência rurais: Caso da província de Manicaland. **Cogent Social Sciences**, v. 8, n. 1, 2022.
- MIZRUCHI, M. S. Social network analysis: Recent achievements and current controversies. **Acta Sociologica**, v. 37, p. 329-343, 1994.
- NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations: structure, form and action**. Cambridge, MA: Harvard Business School Press, 1992.
- PETRZELKA, P.; SORENSEN, A.; FILIPIAK, J. Women agricultural landowners—Past time to put them “On the Radar”. **Society & Natural Resources**, Abingdon, v. 31, n. 7, p. 853–864, fev. 2018.
- POWELL, W. N. Market nor Hierarchy: network forms or organization. **Research in Organizational Behavior**, v. 12, p. 295-336, 1990.
- PRAKASH, D. **Mulheres Rurais, Segurança Alimentar e Cooperativas Agrícolas**. Nova Delhi: Centro de Desenvolvimento e Gestão Rural, 2003.
- PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG), Santa Catarina, p.1-8, 2003.
- RASHEED, A. *et al.* Participação feminina: uma estratégia de produtividade na produção de arroz. **Sustentabilidade**, Basel, v. 12, n. 7, p. 2870, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su12072870>.
- RODRIGUES, C.; LOPES, M. L. B.; SANTOS, M. A. S. Empreendedorismo feminino e agricultura: uma revisão sistemática da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, e42111326741, 2022.
- ROWLEY, T. J. Moving beyond dyadic ties: A network theory of stakeholder influences. **Academy of Management Review**, v. 22, n. 4, p. 887-910, 1997.

SACHS, C. E. **Gender Fields: Rural Women, Agriculture, and Environment**. Abingdon: Routledge, 2018.

SAUNDERS, H. H. **A public peace process: sustained dialogue to transform racial and ethnic conflicts**. New York: Palgrave, 1996.

SHORTALL, S. Gender and agriculture. *In*: BOCK, B. B.; SHORTALL, S. (eds.). **Gender and Rural Globalization**. Boston: CABI International, 2017.

SILVA, B. R.; REDIN, E. Lugar de Mulher é Onde Ela Quiser: os desafios das mulheres no mercado de trabalho dos agronegócios. **Revista Estudo & Debate**, v. 27, n. 3, p. 1-23, 2020.

SILVA, T. *et al.* Relações de cooperação e confiança entre organizações cooperativas promovendo capital social. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.20946/RAD.V6I1.676>. Acesso em: 22 jul. 2025.

VARGO, S.; AKAKA, M.; MAGLIO, P. On value and values co-creation: a service systems and logic perspective. **European Management Journal**, v. 26, n. 3, p. 145-152, 2008.

WADDOCK, S. Integrity and mindfulness: foundations of corporate citizenship. *In*: ANDRIOF, J.; MCINTOSH, M. (eds.). **Perspectives on corporate citizenship**. Sheffield: Greenleaf Publishing, 2001. p. 25-38.

WEI, W. S. T. *et al.* The Influence of Women's Empowerment on Poverty Reduction in the Rural Areas of Bangladesh: Focus on Health, Education and Living Standard. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 18, 6909, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18136909>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ZAVALA, R. O papel da mulher na segurança alimentar. **ONU Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/fr/c/1238916/>. Acesso em: 15 jan. 2023.